



Recebido em: 02/11/2015

Aceito em: 30/11/2015

**“Jesus nasceu pra gente que é travesti e trans também, meu bem”:  
o 1º Natal do Ministério Séfora’s de Travestis e Transexuais da CCNEI**

Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão F<sup>01</sup>

Pós-Doutorando em Ciências Humanas (UFSC)

Presidente da ABHR

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7589132071776933>

**Resumo:**

Apresento neste artigo descritivo, notas introdutórias acerca da primeira cerimônia de Natal do Ministério Séfora’s de Travestis e Transexuais da Comunidade Cristã Nova Esperança Internacional (CCNEI), bem como sobre a *gênese* desse ministério. Esse texto é produto de minha tese de Doutorado em História Social, em que analisei algumas das múltiplas (re/des)carpintarias identitárias de pessoas transexuais, travestis e ex-travestis a partir de determinados discursos religiosos / generificados / sexuais – ou melhor explicando, o que algumas destas pessoas *fazem* com o que determinados discursos *fazem* (ou *tentam fazer*) delas.

**Palavras-chave:** Gênero e religião – Igrejas inclusivas – Travestis e transexuais – Identidade religiosa e identidade de gênero – Ministério Séfora’s de Travestis e

---

<sup>1</sup>Presidente da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR). Pós-Doutorando em Ciências Humanas pelo Programa Interdisciplinar da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em História do Tempo Presente pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Autor de *(Re/des)Fazendo gênero e religião: entre igrejas inclusivas e ministérios de “cura” de travestis (no prelo)*, *Gênero e religião: diversidades e (in)tolerâncias nas mídias (Coleção 2º Simpósio Nordeste da ABHR, Vols. 1, 2 e 3, co-org, 2015)*, *A grande onda vai te pegar: marketing, espetáculo e ciberespaço na Bola de Neve Church* (2013), *(Re)conhecendo o sagrado: reflexões teórico-metodológicas sobre os estudos de religiões* (org, 2013), *Religiões e religiosidades no (do) ciberespaço* (org, 2013), *Religiões em (con)textos (1º Simpósio Internacional da ABHR – Diversidades e (in)tolerâncias religiosas, Vols. 1 e 2, org, 2013/2014)*, dentre outras publicações. Bolsista CAPES à época da pesquisa. E-mail: edumeinberg@gmail.com.

Transexuais da CCNEI.

**Abstract:**

In this article, I synthetically present, introductory remarks about the first Christmas ceremony of the Ministério Séfora's de Travestis e Transexuais of Comunidade Cristã Nova Esperança Internacional (CCNEI). This text is a product of my doctoral thesis in Social History, in which I analyzed some of the multiple identity carpentry of transsexuals and transvestites from certain religious / gendered / sexual discourses.

**Keywords:** Gender and religion – Inclusive churches – Transvestites and transsexuals – Religious identity and gender identity – Ministério Séfora's de Travestis e Transexuais da CCNEI.

13 de dezembro de 2014. Amaral Gurgel, centro de São Paulo, em frente a uma *sex shop*. Uma moça de cabelos ondulados castanhos, olhos pintados de azul e vestida de Mamãe Noel recebia quem chegava com um abraço de feliz natal e convidava a entrar. Ao invés de conduzir as pessoas para a loja de produtos eróticos, indicava a escada ao lado, cuja entrada estava circundada por balões coloridos e guiava ao saguão superior, localizado acima da *sex shop*. Acompanhei por alguns instantes o movimento das pessoas que subiam. Uma senhora disse, em alto e bom tom, para outra moça que reforçava as boas-vindas: “essa é a nossa *travesti gospel*, tá querida”. A Mamãe Noel era Ashylla Zayêtt, *hostess* do Ministério Séfora’s de Travestis e Transexuais da CCNEI, ou Comunidade Cristã Nova Esperança Internacional, e a moça referida como *travesti gospel* era Jacque Chanel, co-fundadora e líder do ministério.

Acompanhei o fluxo e subi os degraus em direção ao evento que ocorria. Cerca de quinze mulheres transexuais e travestis encontravam-se em um pequeno salão com enfeites de natal dispostos sobre uma mesa com refrigerantes, chás e panetones, que depois recebeu a companhia do bolo da aniversariante do mês (no caso, a própria Jacque). Ao fundo, som de música eletrônica e uma grande bandeira com as cores do arco-íris estendida em uma das paredes. Tratava-se do 1º Natal de Travestis e Transexuais do Ministério Séfora’s de Travestis e Transexuais da CCNEI.

Já conhecia o ministério: havia acompanhado suas primeiras reuniões no segundo semestre de 2014, e visitava a igreja desde 2010, por conta do trabalho de campo do meu doutorado. Em 2010 estive neste mesmo saguão, que na época funcionava como escritório administrativo e atualmente agrega o Ministério Séfora’s – sendo o local em que a igreja foi fundada (em 2004, pelo pastor Justino Luiz) e teve seus primeiros cultos (há alguns anos, a igreja tem suas reuniões principais em um saguão maior na mesma avenida).

O saguão estava organizado assim: em uma das laterais, a mesa mencionada, e nas demais, diversas cadeiras e sofás, quase todos já ocupados quando cheguei. O centro estava vazio, pois aguardava as atrações do fim de tarde (o evento começou por volta das cinco), que eram as *performances* de algumas das moças que chegavam, conhecidas no ambiente TLGB paulistano, como Kimberly Luciana, Bianca Mahafe (que também se trajou de Mamãe Noel), e Athena Joy, além das *drag queens* Victória Principal e Sissi Girl. Através de *playbacks*, teve quem dublou cantoras seculares como Xuxa e quem dublou cantoras pentecostais como Cassiane. Ashylla capitaneou ainda uma gincana para o recebimento de brindes oferecidos pela organização da Parada LGBT de São Paulo.

No ar, confraternização e devoção. E nem todo mundo era cristão ou trans. Como Jacque anunciou, “o Ministério Séfora’s tem essa direção, para travestis, mulheres transexuais e homens trans, mas estamos abertos a toda a diversidade, até para quem não é evangélico. Todo mundo é bem-vindo, por isso somos um ministério inclusivo, não é amadas?” E todas aplaudiram. Ao final da reunião, uma delas comentou: “Porque Jesus nasceu pra gente que é travesti e trans também, meu bem”.

*Trecho do diário de campo, 13 de dezembro de 2014*



Figura 1: Anúncio do 1º Natal Trans e Travestis do Ministério Séfora's, no Facebook<sup>2</sup>

Figura 2: Ashylla Zayêtt, Jacque Chanel, e Sissi Girl<sup>3</sup>

Figura 3: Jacque Chanel, acompanhada das duas Mamães Noéis, Ashylla Zayêtt e Bianca Mahafe<sup>4</sup>

Como @ leitor@ acompanhou, iniciei o artigo com uma nota de campo sobre a primeira cerimônia de Natal do Ministério Séfora's de Travestis e Transexuais da

<sup>2</sup> Fonte: Facebook do Ministério Séfora's de Travestis e Transexuais da CCNEI.

<sup>3</sup> Fonte: Facebook do Ministério Séfora's de Travestis e Transexuais da CCNEI.

<sup>4</sup> Fonte: Facebook do Ministério Séfora's de Travestis e Transexuais da CCNEI.

Comunidade Cristã Nova Esperança Internacional (CCNEI). A seguir, antes de tecer algumas considerações introdutórias sobre a cerimônia, apresentarei sinteticamente o contexto de minha pesquisa de campo, que agregou entrevistas de História Oral, e breves anotações sobre o emergente Ministério Séfora's. Ao "final", trarei reflexões (bem) *inconclusivas* acerca do tema. Assim, inicialmente, vale responder a uma possível pergunta d@ leitor@: "como você chegou ao Ministério Séfora's de Travestis e Transexuais da CCNEI?"

Entre 2010 e 2014 realizei trabalho de campo em igrejas inclusivas e ministérios de "cura e libertação" de travestis, dentre outros ambientes, procurando identificar algumas das (re/des) conexões entre discursos religiosos / sexuais / generificados / políticos e (re/des) fazimentos de gênero de pessoas trans\* e ex-trans\*.<sup>5</sup>

Dentre as igrejas inclusivas que visitei com maior frequência, destacaram-se a *Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo (ICMSP)*, a *Igreja Cristã Evangelho Para Todos (ICEPT)* e a *Comunidade Cristã Nova Esperança (CCNE)*, posteriormente, *Comunidade Cristã Nova Esperança Internacional (CCNEI)*, graças à inauguração de templo na Argentina, em 2011. Em todas haviam mulheres transexuais, travestis e indivíduos em outros trânsitos de gênero. Além dessas pessoas, conversei com muitas outras, tanto membros como líderes dessas instituições, especialmente acerca de suas experiências identitárias religiosas / generificadas e relativas às suas orientações sexuais e afetivas.

Algo que escutei recorrentemente em campo era que a maior parte das pessoas que frequentam igrejas inclusivas eram evangélicas ou católicas "de berço", ou seja, haviam sido criadas no catolicismo ou alguma vertente evangélica; e que haviam passado por experiências mais ou menos dolorosas – traumáticas, muitas vezes – de rejeição nestas igrejas (em alguns casos, de expulsão), e em casos extremos, chegando a tentativas de suicídio (ou o suicídio consumado). Outra coisa escutada diversas vezes foi referente à internalização do repúdio a si mesm@ por conta de identidade de gênero ou de orientação sexual/afetiva após ter escutado discursos evangélicos ou católicos demonizadores, psiquiatrizantes e patologizantes.

Além do interesse em conhecer tais experiências de vida, relativas à homo/lesbo/bi/transfobia de fundo religioso, outra de minhas preocupações de pesquisa era saber o papel das igrejas inclusivas no acolhimento de pessoas

---

<sup>5</sup> Tese de doutorado em História Social apresentada em 2014 na Universidade de São Paulo (USP), com o título *(Re/des)conectando gênero e religião. Peregrinações e conversões trans\* e ex-trans\* em narrativas orais e do Facebook*.

transexuais, travestis e em outras formas de transgressão de gênero. Na maioria das perspectivas destas pessoas, as igrejas inclusivas foram consideradas espaços propiciadores da livre expressão não só religiosa, como generificada, afetiva e sexual. Dentre tais igrejas, encontra-se a CCNEI, que tem trabalho recente direcionado à inclusão de pessoas transexuais e travestis, o que pode ser percebido a partir do primeiro Natal do Ministério Séfora's.

### **O Ministério Séfora's de Travestis e Transexuais: um ministério do (no) Facebook – e também *off-line*<sup>6</sup>**

Participar do Natal do Ministério Séfora's me fez recordar o começo de minha pesquisa, em 2010, quando entrevistei o pastor Justino Luis, fundador da CCNEI. Uma das perguntas que fiz ao mesmo foi "há evangelismos direcionados ao público trans?" A resposta foi: "Olha meu irmão, a gente até gostaria de ter um trabalho específico com pessoal trans, mas não tenho ninguém que tome essa iniciativa, que vá atrás deles"<sup>7</sup>. Escutei narrativas semelhantes d@s fundador@s das igrejas acima citadas: "Aqui na ICM não temos um trabalho evangelístico com as travestis e transexuais ainda", contou o reverendo-fundador da ICM, Cristiano Valério.<sup>8</sup> "Travestis e trans são bem-vindas na igreja, mas não temos ainda um trabalho evangelístico",<sup>9</sup> disse a pastora Indira Valença, pastora-fundadora da ICEPT. Até esse momento, como parece, as igrejas inclusivas paulistanas ainda não haviam direcionado esforços evangelísticos a esse público. Pensando na segmentação do mercado, uma das características das inclusivas, em 2012 comentei que:

como avisa o paradigma de mercado, algumas igrejas surgem ao atentar para determinados nichos. É possível pensar no surgimento futuro de uma igreja ou reunião evangélica que tenha como alvo um segmento do público LGBT, como bissexuais, ou travestis e transexuais, atendendo a demanda mais específica.<sup>10</sup>

Foi no segundo semestre de 2014 que confirmei essa hipótese, a partir de dois ministérios evangélicos que surgiram. Um deles foi a ICM Manancial, de Mairiporã, liderada por Alexya Salvador (provavelmente a primeira mulher

---

<sup>6</sup> Cabe realçar que, dentro do empreendimento metodológico desse trabalho, não somente a entrevista com Jacque Chanel foi encaminhada à mesma, mas todo o artigo – encaminhado à publicação após sua aprovação.

<sup>7</sup> LUIS, entrevista a Maranhão F<sup>o</sup>, 2010.

<sup>8</sup> VALÉRIO, entrevista a Maranhão F<sup>o</sup>, 2010.

<sup>9</sup> VALENÇA, entrevista a Maranhão F<sup>o</sup>, 2010.

<sup>10</sup> MARANHÃO F<sup>o</sup>, 2012, p. 219. Não se trata de um artigo específico sobre igrejas inclusivas, mas acerca de concorrência e marketing religioso. Acerca de igrejas inclusivas, transgeneridades e identidades travestis e transexuais, fiz alguns esboços de escrita em outras ocasiões, assim como a tese, que considero mais como uma espécie de *ensaio* (ver referências ao final).

transexual ungida pastora no Brasil), e que tem outras mulheres transexuais como protagonistas da igreja.

A outra, o Ministério Séfora's de Travestis e Transexuais da CCNEI, gerido por Jacque, que se assume concomitantemente mulher transexual e travesti, e que lidera um ministério direcionado a travestis, mulheres transexuais e homens trans – ainda que, como ela costuma reforçar, trata-se de um ministério que acolhe toda a diversidade de pessoas.<sup>11</sup>

À resposta que o pastor Justino Luis havia me dado em 2010 (“olha meu irmão, a gente até gostaria de ter um trabalho específico com pessoal trans, mas não tenho ninguém que tome essa iniciativa, que vá atrás deles”), ao que tudo indica, Jacque Chanel, que ingressou na CCNEI em 2013, foi suprimindo essa lacuna.

Com sua inserção e algumas iniciativas,<sup>12</sup> foi inaugurado, em 14 de outubro de 2014, o Ministério Séfora's de Travestis e Transexuais da CCNEI, o que foi noticiado por Jacque através da criação do grupo homônimo no Facebook e da inclusão de algumas pessoas que eram suas *amigas de Face*. Como lemos na descrição do grupo (figura 4 abaixo), feita pela própria Jacque, “este ministério é para inclusão religiosa e social de travestis e transexuais, colaborando, para uma sociedade mais justa e igualitária, para a glória do nome de Nosso Senhor Jesus Cristo”, o que demonstra a intersecção entre objetivos religiosos e sociais do ministério e de sua líder.



Figura 4: Ministério Séfora' de TTs<sup>13</sup>

É importante realçar que o Facebook é fundamental na constituição do

<sup>11</sup> Faço considerações sobre ambos os ministérios na tese, especialmente para refletir sobre modos de (re/des)empoderamentos de pessoas transexuais e travestis a partir de discursos religiosos que são concomitantemente generificados e sexuais.

<sup>12</sup> Dentre estas, a 1ª Conferência Trans e Religião da CCNEI e reuniões mensais (Chás Sociais para Trans e Travestis).

<sup>13</sup> O grupo do Facebook foi criado em 28 de outubro de 2014 por Jacque Chanel. Fonte da figura: Facebook do Ministério Séfora's de Travestis e Transexuais da CCNEI.

Ministério Séfora's de Travestis e Transexuais, fazendo com que o mesmo possa ser considerado, de alguma forma, um ministério do (no) ciberespaço, ou do (no) Facebook,<sup>14</sup> transbordando desse para o espaço "físico" situado na Avenida Amaral Gurgel e atividades de evangelismo. Aliás, foi através desse site de redes sociais que fiquei conhecendo o Ministério – mais que isso, sabendo que Jacque Chanel era evangélica.

Conheci Jacque em 2011, em um evento do ativismo trans\* de São Paulo, mas não sabia que a mesma era fervorosa adepta de Jesus. Em 2014, vi que seu perfil do Facebook não estava mais identificado com seu nome, mas sim, como *Travesti Gospel* – ainda que a mesma se defina, ao menos em 2014 e 2015, simultaneamente *travesti* e *mulher transexual* (o que é totalmente legítimo). Conversei com ela a respeito da mudança de nome no perfil, e ela me explicou estar fazendo parte da CCNEI desde 2013. Jacque, cheia de iniciativa, alguns dias depois criou página com o mesmo nome de seu perfil (*Travesti Gospel*) e logo em seguida, outra página denominada *Rolezinho Gospel na Feirinha LGBT*.<sup>15</sup>

O *Rolezinho Gospel na Feirinha LGBT* foi um evento evangélico da CCNEI, liderado, dentre outras pessoas, por Jacque. À convite da mesma, acompanhei a atividade, que contou com mais três mulheres transexuais da CCNEI – que ajudaram na distribuição de folhetos evangelísticos da igreja. Além das quatro, haviam muitas pessoas das unidades paulistanas da CCNEI, e também outr@s adept@s das demais igrejas inclusivas paulistanas, também fazendo evangelismo com panfletos, e em alguns casos, com dança e teatro.

---

<sup>14</sup> Sobre *religiosidades no (do) ciberespaço*, publiquei capítulo homônimo, que compõe o livro *Religiões e Religiosidades no (do) ciberespaço* (MARANHÃO F<sup>o</sup>, org., 2013).

<sup>15</sup> A Feirinha LGBT é um evento realizado anualmente na Praça da República como parte das preliminares das paradas LGBT de São Paulo.



Figura 5: Rolezinho Gospel: Ju, Gaby e Jacque<sup>16</sup>

Algumas semanas depois, Jacque me pediu auxílio para ajudar na organização da *Conferência Trans e a Religião*, realizada na CCNEI. Dei algumas dicas para a elaboração do evento e no dia previsto, cheguei um pouco mais cedo para colaborar na logística do mesmo.



Figura 6: 1ª Conferência Trans e Religião da CCNEI<sup>17</sup>

<sup>16</sup> Na foto, Juliana Óliver, Gabrielli Kassab e Jacque Chanel. Foto extraída do grupo do Ministério Séfora's, em setembro de 2014. Gaby é diaconisa da CCNEI, assim como outra mulher trans, Joana. Como me explicou o pastor Átila Augusto em julho de 2015, provavelmente a primeira mulher trans a ser ungida pastora da CCNEI seja a diaconisa Cátia, da unidade de , e posteriormente, Jacque.

<sup>17</sup> A maioria das narrativas da Conferência foram a respeito das experiências religiosas d@s palestrantes. Fonte da figura: Facebook do Ministério Séfora's de Travestis e Transexuais da CCNEI.

Antes da 1ª Conferência Trans e Religião<sup>18</sup>, fiz uma entrevista com Jacque, que explicou sobre a importância do evento e outros assuntos relacionados. Perguntei, por exemplo, quais eram as motivações, objetivos e público-alvo da reunião, ao que ela respondeu:

A grande motivação pra eu realizar o evento é o sangue correndo na veia de militante. Você sabe que a gente luta a vida inteira pra conquistar um espaço digno pra nós e aliado a isso tem a minha vida cristã, que eu sou cristã desde os 13 anos de idade. Vou e volto, vou e volto, isso também é uma coisa muito forte. As minhas expectativas são as melhores para a conferência, esse você sabe que é um momento histórico para a militância, para o Cristianismo. Para a igreja inclusiva isso é um marco histórico e eu espero que todas que foram convidadas e confirmaram presença venham, que todas participem e esse daqui é o esqueleto de uma primeira conferência. Com certeza virão outras, o pastor Justino se comprometeu a fazer outras conferências na sequência, isso me deixa muito feliz, eu to muito feliz de ter sido escolhida pra esse momento, pra essa conferência, to mega feliz e eu espero que as pessoas que venham, que participem, também fiquem muito feliz e satisfeitas com essa conferência.

O público alvo aqui são as trans, essa conferência é para as trans. Você sabe que essa nossa igreja é inclusiva, mas tem muitas pessoas *gays* e o número de pessoas trans é muito reduzido e a intenção do pastor Justino enquanto presidente da igreja é trazer mais pessoas trans pra fazer parte da igreja. Esse é o foco, as *gurias* que fazem programa e que estão aqui na região fazendo programa e também aquelas que moram na região. Tipo assim, o papel da igreja é estar de portas abertas, de braços abertos para acolher a chegada dessas pessoas aqui, e agora elas têm pessoas semelhantes a elas aqui dentro, então é diferente. Ser recebido por um rapaz *gay*, é diferente do que por uma trans. Então agora tem pessoas semelhantes que estão dispostas a isso, porque precisava se descobrir isso, alguém que tivesse disposta a fazer isso. É a igreja alcançando a plenitude do papel social, acolhedor de uma igreja inclusiva, né?

Indaguei então como ela estava se sentindo, qual a importância de redes sociais como o Facebook na divulgação do ministério e como as pessoas trans e travestis eram vistas pela maioria das igrejas evangélicas:

Você não imagina como meu coração tá feliz, porque o que acontecia antes: as propostas pra mim e para outras trans era essa: cortar o cabelo, vestir um paletó, entendeu? E usar o nome masculino, era o que restava. E hoje não, olha pra mim, olha como que eu to, mulher, plena e aqui dentro, abrindo os braços pra receber outras que com certeza têm carência, têm a necessidade de ser feliz, de ter uma vida espiritual plena e não tem oportunidade lá fora, mas aqui dentro elas vão ter, isso não tem dinheiro no mundo que pague, não tem nada que pague, porque eu já passei por esse período em que eu fui podada. Antigamente, você imagina, eu entrei na igreja com 13 e assumi com 23, me assumi *gay*, então

---

<sup>18</sup> Participaram da mesa do evento diversas pessoas ativistas transexuais e travestis, como por exemplo Josiane Ferreira de Souza, Agatha Lima, Thais Azevedo, Adriana Silva e Márcia Lima. Cada participante comentou sobre sua história de vida religiosa / generificada durante uma média de 20 minutos, e depois Jacque abriu para perguntas do público.

naquele período foi tudo muito difícil, desbravar tudo isso pra chegar até aqui hoje e você sabe que a nossa história é escrita com sangue, sangue e muito sofrimento. Infelizmente, queira ou não queira, é assim que a nossa história foi escrita, então pra mim é muita alegria, é muita felicidade, é muita emoção trazer as pessoas prá perto de Deus, prá perto de Jesus Cristo, prá uma vida plena com Deus. E, ser feliz, do jeito que somos, com todo seu silicone, com todas as suas plásticas, com seus hormônios, ser feliz plenamente com Deus. Hoje existe essa possibilidade e a possibilidade está aqui, isso aqui se consolida, essa oportunidade. Através do Facebook foi impressionante porque foi uma coisa... como eu tenho bastante trans no meu face, eu acho que isso facilitou – pelo menos a articulação digital – pra mim foi linda, foi uma coisa assim que foi nascendo naturalmente e você até postou que estava lindo e eu fiquei assim surpresa com a ideia que eu tive, que só pode ser coisa de Deus, de poder tipo assim, prestigiar aquelas pessoas que não participavam, pra mim aquilo é como se fosse uma televisão e aquilo estivesse passando na televisão. E você sabe que a CCNE está abrindo um espaço inédito, que vai na contra-mão do que as outras igrejas pregam, essa conversão assim de tirar silicone, de raspar a cabeça e tudo mais, ela tá indo na contra-mão e na contra-mão do discurso, da pregação que é feita contra os gays, contra as trans, que é justamente aquele discurso que são os demônios.<sup>19</sup>



Figura 7: Entrevista com Jacque Chanel<sup>20</sup>

Como vimos, ao final de sua fala Jacque refere-se aos ministérios que pregam a “conversão de gênero”, “resgate”, “recuperação”, ou “cura e libertação” de travestis e pessoas trans, bem como de pessoas homoafetivas/homossexuais.<sup>21</sup> Para ela, uma alternativa de acolhimento da pessoa *como ela é e está*, sem

<sup>19</sup> CHANEL, entrevista a Maranhão F<sup>o</sup>, 2014.

<sup>20</sup> Fonte: Facebook do Ministério Séfora's de Travestis e Transexuais da CCNEI.

<sup>21</sup> Comento sobre o assunto na tese, e esboçarei algumas outras considerações em artigos futuros.

exigências de mudanças em relação à identidade de gênero ou à sexualidade, são as igrejas inclusivas, como a CCNEI.

Algumas semanas após esta primeira conferência, Jacque foi chamada para uma reunião com o pastor Justino e outras lideranças da igreja para pensarem na viabilidade de organização de um ministério específico de evangelismo e acolhimento de travestis e transexuais, e em 14 de outubro de 2014, como referido acima, foi fundado oficialmente o Ministério Séfora's de Travestis e Transexuais.

Mas cabe realçar que a questão da inclusão em igrejas inclusivas, inclusive na CCNEI, associa-se a um processo de (des)construção de paradigmas. Na CCNEI, entre 2010 e 2012, eu escutei comentários desrespeitosos de membros acerca das travestis e transexuais que por ali passaram, isto por conta de suas identidades de gênero.

A partir de 2013, com a inclusão de Jacque Chanel, uma *ativista/evangelista de corpo e alma religiosos e generificadas*, foi se percebendo um discurso de maior aceitação, e a tentativa da liderança e de parte da membresia de aprender com as pessoas trans\* as formas como respeitá-las, o que reverbera em sua liderança do recém criado ministério Séfora's em 2014. Jacque também foi, paulatinamente, angariando a colaboração de alguns membros da igreja, dentre elas, como ela ressalta, "há o irmão Gledson Leite, que tem sido indispensável neste trabalho. Muito embora ele não seja trans ou travesti, mas é um gay muito simpatizante à nossa causa, muito prestativo e comprometido".

Mas, mesmo após a fundação do ministério, e o apoio de algumas pessoas, observei que a aceitação de pessoas trans\* na igreja nem sempre se dá de modo ampliado. Como narrou uma pessoa que é membro da CCNEI desde sua fundação,

tem o ministério de travestis e trans da Jacque mas fora ela e mais uma ou outra pessoa, ninguém trabalha forte com este pessoal. E tem gente, até da liderança, que ou é transfóbica ou tem problemas em aceitar a feminilidade tanto de travesti, mulher trans como de mulher mesmo. Ela toca quase sozinha o ministério.<sup>22</sup>

Mesmo entre as líderes da CCNEI ainda há dúvidas de quem são as pessoas trans\* e como denominá-las. Em uma das reuniões que participei em 2014, uma liderança se referiu a um homem trans que visitava a igreja: "queremos agradecer também esta menina que veio ao culto", ao que o rapaz disse "menina não, menino". Não se tratava de uma confusão a respeito da aparência da pessoa: a líder sabia que se tratava de um *homem trans*, pois este havia sido apresentado como tal antes do culto. Além disso, era uma pessoa que trazia

---

<sup>22</sup> PARTICIPANTE DA CCNEI 1, entrevista a Maranhão F<sup>o</sup>, 2014.

expressão de gênero bastante masculina. Mas mesmo assim, @ líder da igreja o tratou como *menina*. Creio que não por maldade, mas por falta de conhecimento. Fiquei pensando: se um@ líder de igreja inclusiva que se propõe a aceitar pessoas trans\* se confunde assim, causando constrangimento a tal homem trans, imagine nas igrejas em que estas pessoas *não são reconhecidas como completas* ou abençoadas por Deus *de corpo e alma*. Como escutei de uma pessoa trans\* durante outro culto desta igreja,

se percebem no corpo do homem trans qualquer sinal de feminilidade, como seios, ou o tom da voz, mesmo que ele seja bem masculino, vão chamar ele no feminino, apresentar como mulher, etc. Se não veem o corpo dele como de homem como vão aceitar que a alma dele é masculina e tratar ele como ele quer ser tratado, homem de corpo e alma?<sup>23</sup>

Outr@ fiel me contou:

Há muita transfobia na igreja. Travesti, trans, não é muito aceita ainda. Você soube do dia que a Jacque foi pregar noutra CCNEI? Acho que de Guarulhos. Ela foi pregar lá, e na hora que um pastor foi chamar ela, ele apresentou assim: “agora, vamos receber o nosso irmão Jacque”. Sério. Muita gente comentou. Porque não receberam ela certo, né? Como vai chamar uma mulher trans de irmão? Também, sei lá, por que tão abrindo este ministério? Pode ter certeza que daqui há pouco vão pedir pra cobrar dízimo. Mas a Jacque não gosta da ideia, de começarem a pedir. Também já ouvi falar que querem abrir um ministério deste na Itália ou outro país europeu. Pras trans e travestis brasileiras que moram lá. Mas quem vai dirigir é um líder da igreja, gay. Deveria ser uma trans, né?<sup>24</sup>

Em relação às tensões entre aceitação e não-aceitação de pessoas trans\* na CCNEI, assim como nas demais igrejas inclusivas, é relevante atentar que todas as agências inclusivas são formadas por *pessoas* – que em sua maior parte vieram de outras igrejas, católicas ou evangélicas, que tinham toda uma formação pedagógica de sexo/corpo/gênero/alma fundada no estranhamento/repúdio de *corpos e almas* divergentes do padrão Adão e Eva *criado por Deus* e por isso *abomináveis, rejeitad@s por Ele* e dignas de rejeição da igreja.

Assim, deve-se ressaltar que a aceitação da presença trans\* *de corpo e alma* está sendo construída nas igrejas que se denominam inclusivas. Para muitos membros das mesmas, a questão da *reconstrução do templo do Espírito Santo* é envolta em um *mix* de sacralidade e interdição: “o que esta pessoa quer? dá pra ver que é um homem. Um homem vestido de mulher na igreja. Como ele quer falar

<sup>23</sup> VISITANTE DA CCNEI, entrevista a Maranhão F<sup>o</sup>, 2014.

<sup>24</sup> PARTICIPANTE DA CCNEI 2, entrevista a Maranhão F<sup>o</sup>, 2014.

de Jesus neste corpo promíscuo?”, ou “aqui é igreja inclusiva, mas nunca vi ninguém explicando como é esta coisa toda da pessoa achar que é mulher.”<sup>25</sup>

Esta posição de repúdio/disciplinarização do *templo que é reconstruído* pela pessoa trans\*, posição *tradicional* nas igrejas tradicionais, se reproduz em alguns momentos nas inclusivas – convivendo com concepções de que cada um@ é don@ de seu próprio templo e faz dele o que bem quiser. Em algumas igrejas até *profanar o templo é benção de Deus*.<sup>26</sup>

Na CCNEI, parte desse processo de construção da aceitação de pessoas trans\* está no Séfora's, que teve como um de seus momentos mais marcantes o seu 1º Natal de Trans e Travestis.

### **O Natal do Ministério Séfora's de Travestis e Transexuais**

Até o fim de 2014, as atividades do Ministério Séfora's eram mensais.<sup>27</sup> A atividade referente a dezembro, realizada em 13 de dezembro, foi o 1º Natal de Trans e Travestis do ministério, também chamado de 1º Chá de Natal de TT's.

Sobre a relevância do evento, uma das mulheres transexuais presentes no evento, comentou:

a importância desse ministério e dessa igreja, é que as trans podem ter seu natal, né? Fora daqui a gente é discriminada e não pode participar da igreja, e isso faz muita falta pra gente. Porque Jesus nasceu pra gente que é travesti e trans também, meu bem. A gente também tem direito de comemorar o Natal, e a gente ama a Deus como Ele ama a gente. Ele não faz acepção de pessoa, não. Isso é coisa que pastores desinformados como Silas Malafaia e Marco Feliciano, Valdemiro falam, que Deus não ama a gente, mas não é assim. Ele ama sim. E aceita a gente como é, travesti, trans, ou do gênero que for.<sup>28</sup>

A narrativa dessa participante pode nos levar a questionamentos: quais os (d)efeitos de se tomar a Bíblia *ao pé da letra*, descontextualizada sócio-historicamente, a partir de versos que regem, por exemplo, que “a mulher não deverá usar um artigo masculino, e nem o homem se vestirá com roupas de mulher, pois quem age assim é abominável a Iahweh teu Deus” (Deuteronômio 22:5), e que supostamente “condenariam” os trânsitos de gênero?

<sup>25</sup> Nota de campo em igreja inclusiva, 2010.

<sup>26</sup> A ideia metafórica de *profanar o templo do Espírito Santo* pode ser localizada na ICM, não costumando encontrar, até onde sei, ressonância em outras igrejas inclusivas, nem tampouco nas tradicionais. Comentei sobre a ICM em ocasiões anteriores (2011, 2012).

<sup>27</sup> Com a criação do Ministério Séfora's, as atividades que eram a princípio mensais, foram se tornando em 2015 semanais, com reuniões todas as quartas-feiras no período noturno. Os eventos mensais, aos sábados, são batizados de Chás Benéficos de Arte & Cultura Trans, e em julho de 2015 Jacque inaugurou o ministério *Séfora's Teens*, direcionado a pessoas trans e travestis adolescentes.

<sup>28</sup> PARTICIPANTE do 1º Natal do Ministério Séfora's de Travestis e Transexuais, entrevista a Maranhão F<sup>o</sup>, 2014.

Pelo que escutei em dezenas de narrativas, o uso de versos como este por líderes religiosos mais fundamentalistas trazia, dentre outros impactos diretamente relacionados às múltiplas formas de intolerância a pessoas transgêneras, travestis e transexuais, a internalização da transfobia, quando a pessoa rejeita em si mesma sua condição transgênera ou de transgressão de gênero.<sup>29</sup>

Afinal, como reforçam as pessoas transexuais, travestis e trans não-binárias<sup>30</sup> com quem conversei em campo, se é para levar a Bíblia ao pé da letra, ela mesma não é clara de que “Deus não faz acepção de pessoas” (Atos 10:34), ou de que “não há judeu nem grego, escravo ou livre, homem ou mulher, pois todos são um em Cristo” (Gálatas 3:28)?

Ou, segundo outras pessoas, ainda a partir de determinadas traduções da Bíblia, “não é óbvio que a Igreja de Cristo é um corpo completo, marcado pela diversidade?” (1<sup>a</sup> Coríntios 12:27)<sup>31</sup>? Neste sentido, Deus não entenderia pessoas transgêneras,<sup>32</sup> transexuais e travestis como igualmente merecedoras de acolhimento, assim como as pessoas cisgêneras?<sup>33</sup>

Essas perguntas possivelmente apresentam o mote das preocupações das igrejas inclusivas<sup>34</sup> – ou ao menos de parte delas<sup>35</sup> – em relação a tais pessoas:

<sup>29</sup> O termo *condição transgênera* não deve ser entendido como sinônimo de identidade transgênera. Leticia Lanz explica sobre as transgeneridades: “a não conformidade com a norma de gênero está na raiz do fenômeno transgênero, sendo ela – e nenhuma outra coisa – que determina a existência do fenômeno transgênero. A primeira coisa a se dizer sobre o termo ‘transgênero’ é que não se trata de ‘mais uma’ identidade gênero-divergente, mas de uma circunstância sociopolítica de inadequação e/ou discordância e/ou desvio e/ou não-conformidade com o dispositivo binário de gênero, presente em todas as identidades gênero-divergentes” (LANZ, 2014, p. 70).

<sup>30</sup> Importa realçar que x próprix autorx desse texto se identifica como *pessoa trans não-binária* há alguns anos.

<sup>31</sup> Versão da *Bíblia A Mensagem*.

<sup>32</sup> Relembrando, o termo *transgênero* não deve ser entendido aqui como uma identidade específica, mas sim, como uma condição sócio-política de *transgressão* de expectativas sociais fundamentadas (e fundamentalistas) sobre o dispositivo binário de gênero e o sistema sexo-gênero de outorga no nascimento ou gestação. Nesse sentido, transgênera é qualquer pessoa inconforme com as normas e convenções sociais (ou dispositivos de conduta) esperadas binariamente de acordo com o sistema sexo-gênero que lhe foi atribuído ao nascer ou através de tecnologias que “detectam” sexo-gênero na gestação. É válido destacar que parte do ativismo LGBT e do ativismo trans refutam firmemente o uso do termo transgênero, entendendo que o mesmo invalidaria identidades específicas – mas o uso do vocábulo transgênero, aqui, não tem como objetivo deslegitimar nenhuma identidade de gênero em particular. Reforço que o termo refere-se à uma conduta transgressora do sistema sexo-gênero e não a uma identidade.

<sup>33</sup> Por *cisgênera* entende-se aquela pessoa que foi designada de um determinado sistema sexo-gênero ao nascer ou na gestação e sente-se em conformidade em relação às expectativas sociais esperadas a tal sexo-gênero.

<sup>34</sup> Algumas delas se autodesignam *igrejas inclusivas LGBT* ou *igrejas inclusivas gays*, o que é refutado por diversas outras, que argumentam acolherem pessoas de quaisquer orientações sexuais e afetivas e quaisquer identidades de gênero.

<sup>35</sup> É importante realçar que nem toda comunidade ou pessoa evangélica que se autodenomina *inclusiva* demonstre real acolhimento a pessoas transgêneras (termo aqui entendido como condição sócio-política)

inserir-las, com quaisquer que sejam suas identidades, orientações, almas e corpos, no *corpo de Cristo*. Ministérios como o Séfora's podem servir potencialmente, assim, para acolher pessoas em uma comunidade de fé e empoderá-las a serem quem são em suas expectativas relativas às suas auto-percepções identitárias de gênero, promovendo-as como *peessoas*. Nesse caminho, ainda seguindo a concepção de pessoas de igrejas inclusivas, talvez sejam válidos os versos que dizem: "se alguém está ligado a Cristo, transforma-se em nova pessoa; as coisas antigas passam, tudo se faz novo" (2ª Coríntios 5: 17), e "transformem-se pela renovação de sua mente, para que prove o quanto é boa, agradável e perfeita a vontade de Deus" (Romanos 12: 2).

### **Considerações inconclusivas**

Parafraseando uma célebre frase de Valdemiro Santiago, referido em uma das falas acima, vale *aplaudir de pé* toda iniciativa em âmbito religioso que respeite integralmente a vontade da pessoa trans\*; se esforce no exercício da despatologização, desdemonização e despecadologização;<sup>36</sup> e ofereça espaço acolhedor para o diálogo. Neste sentido, são promissoras as recentes notícias de coletivos que visam incluir pessoas transgêneras, transexuais e travestis, como o Ministério Séfora's de Travestis e Transexuais na CCNEI, gerido por Jacque Chanel.

Como minha última incursão de campo da tese foi a visita ao 1º *Chá de Natal Trans e Travestis*, organizado por Jacque e realizado em 13 de dezembro, "fecho" este artigo com algumas imagens, retiradas do blog T-Girl, do 1º Natal do Ministério Séfora's, notando que para muitas travestis, mulheres transexuais, homens trans e transgêner@s um evento como este – legitimador da identidade trans\* e da identidade cristã, pode representar um *novo nascimento, um novo natal* – generificado e religioso.

---

ou com identidades travestis, transexuais ou em outras *desconformidades* em relação ao que é esperado de pessoas outorgadas com determinado sistema sexo-gênero.

<sup>36</sup> Utilizo há alguns anos as expressões *despecadologização* e *desdemonização* remetendo à despatologização, o esforço (necessário) de retirar o estigma de doença da identidade de outrem.



**1º Chá de Natal Trans e Travestis -**  
Entre as atividades, aconteceu o 1º  
Chá de Natal Trans e Travestis  
Ministério Sefora's de TT's, na CCNEI

- Ministério Cristã Nova Esperança, região central de São Paulo, sobre a idealização de Jacque Chanel, contou com presença de ativistas, religiosos, artistas com atividades educativas, levando a evangelização e compreensão para o verdadeiro sentido do Natal com entregas de presentes a todas(os) Travestis e Transexuais presentes.



Ashylla Zayêtt, Jacque Chanel e Sissi Girl na chegada do 1º Chá de Natal Trans e Travestis na CCNEI - Ministério Cristã Nova Esperança



Sissi Girl, Athena Joy, Eder, Bianca Mahafe, Kimberly e Victória Principal em shows e música gospel



Daysy Almeida, Jacque Chanel, Adriano da Silva, Juliana Oliver, Bianca Mahafe, Melissa Monteiro, Du Meinberg Maranhão entre convidados presente ao 1º Chá de Natal Trans e Travestis

Figuras: 1º Chá de Natal Trans e Travestis do Ministério Séfora's da CCNEI<sup>37</sup>

<sup>37</sup> Fonte: Blog Mundo T-Girl, criado e administrado por Kimberly Luciana, frequentadora do Ministério Séfora's de Travestis e Transexuais da CCNEI.

## **Fontes**

### **Entrevistas**

CHANEL, Jacque. *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

LUIS, Justino. *Entrevista*. São Paulo, 2010. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

PARTICIPANTE DA CCNEI 1. *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

PARTICIPANTE DA CCNEI 2. *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

PARTICIPANTE DO 1º NATAL do Ministério Séfora's de Travestis e Transexuais. *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

VALENÇA, Indira. *Entrevista*. São Paulo, 2010. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

VALÉRIO, Cristiano. *Entrevista*. São Paulo, 2010. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

VISITANTE DA CCNEI. *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

## **Referências**

### **Internet**

1º Chá de Natal Trans e Travestis. Disponível em: <<http://mundot-girl.blogspot.com.br/2014/12/travestis-e-transexuais-fazem.html>> Acesso em: 21 dez. 2014.

### **Bibliográficas**

LANZ, Letícia. *O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque. A aniquilação de uma mulher transsexual no candomblé através do Facebook. In: SOUZA, Sandra Duarte de; SANTOS, Naira Pinheiro dos (Orgs.). *Estudos Feministas e Religião: tendências e debates*. Curitiba: Prismas, 2014a.

\_\_\_\_\_. Anotações sobre a "inclusão" de travestis e transexuais a partir do nome social e mudança de prenome. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). Dossiê (In) Visibilidade Trans 1. *História Agora*, São Paulo, v.1,

n. 15, p. 29-59, 2013a.

\_\_\_\_\_. "Educar corretamente evitando aberrações": discursos punitivos / discriminatórios sobre homossexualidades e transgeneridades. *Paralellus*, Recife, v. 6, n. 12, p. 187-200, jan./jun. 2015a.

\_\_\_\_\_. "É prá baixar o porrete!" Notas iniciais sobre discursos punitivos-discriminatórios acerca das homossexualidades e transgeneridades. *Mandrágora*, São Bernardo do Campo, v. 21, n. 21, p. 47-87, 2015b.

\_\_\_\_\_. "Falaram que Deus ia me matar, mas eu não acreditei": intolerância religiosa e de gênero no relato de uma travesti profissional do sexo e cantora evangélica. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). Dossiê Gênero em Movimento. *História Agora*, São Paulo, n. 12, p. 198-216, 2011a.

\_\_\_\_\_. "Inclusão" de travestis e transexuais através do nome social e mudança de prenome: diálogos iniciais com Karen Schwach e outras fontes. *Oralidades* – Revista de História Oral da USP, dossiê Diversidades e Direitos, p. 89-116, 2012a.

\_\_\_\_\_. (Org.). (In) Visibilidade Trans 1. *História Agora*, São Paulo, v. 1, n. 15, 2013b.

\_\_\_\_\_. (Org.). (In) Visibilidade Trans 2. *História Agora*, São Paulo, v. 2, n. 16, 2013c.

\_\_\_\_\_. "Marketing de Guerra Santa": da oferta e atendimento de demandas religiosas à conquista de fiéis-consumidores. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 10, n. 25, p. 201-232, 2012b.

\_\_\_\_\_. "Promíscuo é o indivíduo que faz mais sexo que o invejoso". Entrevista sobre gênero e sexualidade com Cristiano Valério, reverendo da ICM. *História Agora*, São Paulo, v. 2, n. 14, p. 316-329, 2012c.

\_\_\_\_\_. "Que sejam atendidos bem longe da gente, porque aqui não dá" – intolerâncias em relação a diversidades sexuais e de gênero. In: BRONZSTEIN, Karla Regina Macena Pereira Patriota; MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Orgs.). *Gênero e religião: Diversidades e (in)tolerâncias nas mídias (Vol. 1)*. Coleção 2º Simpósio Nordeste da ABHR. Recife: ABHR, ABHR Nordeste, 2015c.

\_\_\_\_\_. *(Re/des)conectando gênero e religião*. Peregrinações e conversões trans\* e ex-trans\* em narrativas orais e do Facebook. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014b.

\_\_\_\_\_. *Religiosidades no (do) ciberespaço*. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). *Religiões e Religiosidades no (do) ciberespaço*. São Paulo:

Fonte Editorial, 2013d.

\_\_\_\_\_; NERY, João. Transhomens: a distopia nos tecnohomens. In: SOUTO, Katia (org.). *Transexualidade e Travestilidade na Saúde*, 2014c (no prelo).

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Transhomens no ciberespaço: micropolíticas das resistências. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). (In)Visibilidade Trans 2. *História Agora*, v. 16, nº 2, p. 139-165, 2013d.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Transhomens no ciberespaço 2: biopolíticas nos tecno-homens. In: BENTO, Berenice (Org.). *Des-fazendo Gênero*. Natal: Editora da UFRN, 2015a.

\_\_\_\_\_. Travestis em trânsito identitário: propondo um diálogo com Luiz Alberto Ribeiro. In: ROSADO, Maria José Fontellas (Org.). *Gênero, Feminismo e Religião*. Da constituição de um campo. São Paulo: Garamond, 2015b.